



## PRODUÇÃO SOCIAL DA PATOLOGIZAÇÃO: UM ESTUDO SOBRE A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO EM RELAÇÃO AO PROCESSO DE MEDICALIZAÇÃO DE CRIANÇAS E DOLESCENTES

*Denize Ap. Teixeira<sup>1</sup>; Carlos Alberto Marçal Gonzaga<sup>2</sup>; Maria Fernanda Bagarollo<sup>3</sup>; Khaled Omar Mohamad El Tassa<sup>4</sup>.*

**RESUMO:** Existe na atualidade uma tendência a medicalização da vida, sendo que diagnósticos são formulados sem os profissionais envolvidos ampliarem o olhar para o contexto histórico da criança. Observa-se crescente número de encaminhamentos para avaliação psicológica de crianças e adolescentes, que em sua maioria mostram-se equivocados e sem consistência, quando se propõe a compreender a conjuntura cultural sobre a qual a criança esta inserida. Este estudo descritivo e bibliográfico compreendeu procedimentos de revisão de literatura, e tem como objetivo refletir sobre a produção do conhecimento a fim de identificar como a prática do dessaber contribui para a ideologia medicalizante pautada no reducionismo biologizante. Conclui-se que o conhecimento que fragmenta as disciplinas favorece a desarticulação entre os saberes, o que reflete na prática, desencadeando generalizações e pseudo-diagnósticos, reproduzindo o processo da medicalização. Conclui-se ainda, que o processo de medicalização é construído socialmente pelos homens, o qual busca a manutenção da ideologia medicalizante. Evidencia-se que o conhecimento científico quando articulado entre as ciências mostra-se como recurso importante para o desenvolvimento de uma prática responsável de cuidado integral.

**PALAVRAS-CHAVE:** Psicopatologização; Produção do Conhecimento; Interdisciplinaridade.

### 1 INTRODUÇÃO

No cenário de cuidado infantil brasileiro vem sendo crescente o processo de medicalização, termo definido por Moysés (2001) como “[...] processo de medicalização da vida cotidiana que insiste em transformar questões não médicas, de origem social e política, em questões médicas. O termo Patologização tem sido utilizado com significado semelhante” (Conselho Regional de Psicologia, 2010, p.9). A realidade que se mostra é de uma ideologia medicalizante que transforma em doença questões de ordem social, em que conflitos emocionais tomam uma dimensão maior. A fim de contextualizar a problemática, atenta-se ao fato de que estas são práticas decorrentes de um saber reducionista e biologizante que fragmenta o conhecimento reproduzindo automaticamente a ideologia medicalizante.

Diante do exposto busca-se uma reflexão sobre a produção do conhecimento a fim de identificar como o conhecimento reducionista, fragmentado em questões biologistas contribui para a patologização de crianças e adolescentes. É intenção do estudo ainda identificar através da análise dos textos de Morin (2004) e Santos (1988) a contraposição com o conhecimento relacionado com a verdadeira prática de cuidado, tendo neste caso a interdisciplinaridade como referência.

### 2 MATERIAL E MÉTODOS

O estudo descritivo e bibliográfico compreendeu procedimentos de revisão de literatura, procurando interpretar o processo e construir compreensões teóricas mais elaboradas relacionadas às temáticas medicação/medicalização e patologia/patologização. O trabalho desenvolveu-se através de reflexões a cerca de um estudo pautado no referencial de Edgar Morin, que enfatiza em seus escritos a riqueza da troca de saberes (2004). Santos que em seu artigo “Um discurso sobre as ciências” (1988) nos apresenta a contraposição do

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Comunitário da Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO, Campus de Irati-Paraná, Brasil. [denize\\_psico@hotmail.com](mailto:denize_psico@hotmail.com).

<sup>2</sup> Professor do Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento Comunitário da Universidade do Centro Oeste-UNICENTRO, Campus de Irati-Paraná, Brasil. Doutor em Engenharia Florestal – UFPR -[admgonzaga@yahoo.com.br](mailto:admgonzaga@yahoo.com.br).

<sup>3</sup> Professora do Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento Comunitário da Universidade do Centro Oeste-UNICENTRO, Campus de Irati-Paraná, Doutorado em Saúde da Criança e do Adolescente-UNICAMP. [maria.fer@uol.com.br](mailto:maria.fer@uol.com.br).

<sup>4</sup> Professor do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Comunitário da Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO, Campus de Irati-Paraná, Brasil. Doutor em Educação Física – UFPR. [Khaledunicentro@hotmail.com](mailto:Khaledunicentro@hotmail.com).



paradigma dominante e o paradigma emergente. E a construção Social Da Realidade onde Beger e Luckmann (1973) propõem-se a fazer uma análise sociológica do conhecimento.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

É crescente o encaminhamento de crianças e adolescentes para avaliação clínica com hipóteses diagnósticas de transtornos mentais. Ao enfatizar a linha de cuidado à criança e adolescente no que se refere a estes encaminhamentos, Teixeira e El Tassa (2014) apresentam a necessidade de uma avaliação cuidadosa quanto a estes diagnósticos, pois há uma linha tênue entre a psicopatologia e questões de ordem pessoal, ambiental ou familiar. Portanto, faz-se necessário um olhar cauteloso que busque compreender não apenas a questão de ordem clínica, mas que avaliem o contexto histórico cultural desta criança.

A fim de compreender o processo de biologização presente no cenário do cuidado infantil, foco central deste estudo, faz-se uma leitura quanto a produção do conhecimento que possibilitou a compreensão de que esta prática é decorrente de uma ciência hegemônica que pautada na busca da verdade crê no conhecimento científico como a única forma de se chegar na apreensão da realidade.

Ao contrapor a ciência do passado e a ciência do futuro, utilizando-se do termo pós-moderno, Santos (1988) refere-se ao momento atual da ciência como um momento de incertezas, estamos segundo o autor em um tempo de transição. A fim de compreender a dicotomia biológica, cultural através da leitura de Santos (1988) entende-se que esta seja decorrente de uma ciência dominante, a qual por muito tempo se manteve a distinção “natureza/cultura, natural/artificial, vivo/inanimado, mente/matéria, observador/observado, subjetivo/objetivo, coletivo/individual, animal/pessoa,” (SANTOS, 1988, p.15-22). Dicotomia esta, que desencadeou a crise do paradigma da ciência. O autor critica ainda a ciência moderna quanto ao rigor científico que restringe e desqualifica o conhecimento. Faz também crítica a especialização enquanto conhecimento local e total, para o autor “É hoje reconhecido que a excessiva parcelização e disciplinarização do saber científico faz do cientista um ignorante especializado e que isso acarreta efeitos negativos” (SANTOS p.17-22). Neste mesmo caminho de crítica ao conhecimento Eliot citado por Morin nos faz refletir através da seguinte questão: “Onde está a sabedoria que perdemos no conhecimento?” (MORIN, 2004.p.17)

Edgar Morin (2004) aponta reflexões sobre conhecimentos fragmentados que desencadeiam práticas isoladas sem interação entre saberes. A realidade desta forma, também se mostra limitada a um olhar míope como fruto da hiperespecialização, quando aponta que “[...] a especialização que se fecha em si mesma sem permitir sua integração em uma problemática global ou em uma concepção de conjunto do objeto do qual ela considera apenas um aspecto ou uma parte” (MORIN, 2004, p.13).

Santos (1988) e Morin (2004) fazem uma crítica quanto ao conhecimento que fragmenta, mas cada um buscou uma superação para este impasse do conhecimento científico.

Com a caracterização da crise do paradigma dominante Santos (2004) enfatiza o perfil do paradigma emergente como um conhecimento não dualista do qual tende a superar as distinções apresentadas pela ciência moderna, o autor cita a necessidade da aproximação do saber para com a humanidade “Em resumo, à medida que as ciências naturais se aproximam das ciências sociais estas aproximam-se das humanidades” (SANTOS, p.16-22).

Morin (2004) apresenta os desafios da atualidade e a necessidade de compreendermos a complexidade da contemporaneidade através do conhecimento articulado entre diversos saberes e com olhar ampliado a realidade da criança. Para Morin a complexidade mostra-se rica em um todo que opera em conjunto e quando observados nos permitem uma visão privilegiada deste todo.

Se para Santos a crise do paradigma pode ser superado através de um saber que ao invés de separar supera (a dicotomia), para Morin na mesma linha de superação, é sugerido a necessidade de um saber articulado que busque na complexidade, a superação do saber que ao fragmentar cega as possibilidades.

É importante ressaltar a afirmação de Santos (1988) sobre a industrialização da ciência a qual “[...] acarretou o compromisso desta com os centros de poder econômico, social e político, os quais passaram a ter um papel decisivo na definição das prioridades científicas” (SANTOS, p.12-22). Neste ponto identifica-se a abertura da ideologia medicalizante, a qual busca legitimar o saber médico desencadeando a biologização da vida. Seguindo esta reflexão a fim de enriquecer a compreensão sobre a produção do conhecimento, Beger e Luckman (2004) nos apresentam a realidade como uma construção social onde o homem interage na vida cotidiana com outros. Desta forma, a realidade apresenta-se ainda como um mundo intersubjetivo, sendo assim um mundo em comum de significados partilhados. Neste sentido, compreende-se o processo da medicalização, patologização como construída socialmente.



## 4 CONCLUSÕES

Santos (1988) e Morin (2004) enriquecem o discurso sobre a produção do conhecimento científico, ao apresentar a compreensão da condição humana na modernidade pautada em um saber especializado, fragmentado, em que se constata o saber médico, biologizante como dominante na questão da medicalização.

Beger e Luckmann (1973) contribuem com a compreensão de que ao construir a realidade social, a medicalização é um processo causado pelos homens. A industrialização da ciência, citada por Santos contribui diretamente para o entendimento da ideologia medicalizante. O ofuscamento desta verdade traz a ilusória crença de que a medicação é a única forma de contribuição para uma vida saudável, feliz de bem estar, sem a grande massa perceber que esta idéia enriquece e mantém o poder de poucos e estabelece o processo de medicalização.

A fragmentação do conhecimento desencadeia a falta de articulação do saber na prática profissional assim a rede de cuidado mostra-se desarticulada prejudicando a eficiência do cuidado.

Ao enfrentar os desafios, complexidades e incertezas através da contextualização e saber sugerido por Morin (2004) em consonância com Santos (1988), estar-se-á possibilitando as crianças atendidas um cuidado pautado em sua realidade e em seu contexto através de um olhar ampliado a sua história de vida.

## REFERENCIAS

BERGER, P.L.; LUCKMANN, T. *A construção social da realidade*. Petrópolis: Vozes, 1973.

Collares, C.A.L.; Moysés, M.A.A. (1996). *Preconceitos no cotidiano escolar: ensino e medicalização*. São Paulo: Cortez/Unicamp.

Cruz, M.A.S. et. al. *Medicalização de crianças e adolescentes: conflitos silenciados pela redução de questões sociais a doença de indivíduos*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.

Morin, E. *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*; tradução Eloá Jacobina. - 8a ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

SANTOS, Boaventura S. Um discurso sobre as ciências. *Estudos Avançados*, v.2, n.2, 1988.

Teixeira, D.; Tassa, K. O. M E, Olho e Vejo: A interdisciplinaridade superando desafios da patologização: Revista Ibero-Americana de Educação (2014). N.º 66 (2014), pp. 31-44. Disponível em <<http://www.rioei.org/rie66a02.pdf>> Acesso em: 17 de agost. 2015.